



UMA BREVE RETROSPECTIVA DE ESTUDOS EM SOCIOLINGÜÍSTICA NO BRASIL¹: 2006 – 2016

Jussara Maria Habel (PPG-Letras / UFRGS)²
jussarahabel@ufrgs.br

RESUMO: Apresenta-se neste trabalho uma breve retrospectiva de estudos realizados em sociolinguística entre os anos de 2006 a 2016, observando o que vem sendo pesquisado por estudiosos nesta área. O objetivo deste trabalho é tentar atualizar, na medida do possível, o histórico de estudos que vêm sendo realizados na sociolinguística brasileira, focando mais nos aspectos que foram apontados por Zilles e Faraco (2006). A sociolinguística é uma ciência interdisciplinar que possui seu foco na língua e na sociedade, sendo que, há anos as pesquisas sociolinguísticas ficavam a cargo da dialetologia e geolinguística devido o contexto das línguas de imigração presentes no sul do Brasil. Os sociolinguistas ainda possuem muito trabalho com as línguas brasileiras de imigração que formam áreas extensas de contatos linguísticos. Além disso, as áreas fronteiriças também envolvem amplo contato linguístico e a formação de diferentes variedades do português. Por fim, todos estes contextos linguísticos (variedades da língua portuguesa, línguas brasileiras de imigração e línguas fronteiriças em contato) merecem atenção especial dos pesquisadores para contribuir na resolução dos problemas educacionais e sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Variação Linguística. Línguas em contato.

ABSTRACT: This paper presents a brief retrospective studies in sociolinguistics that comprehend the 2006-2016 period, pointing what have been researched by scholars in this field. The goal of this study is to try to update, as much as possible, the historical studies that have been conducted in the Brazilian sociolinguistics, specially focusing on the aspects that have been pointed out by Zilles and Faraco (2006). The sociolinguistics is an interdisciplinary science that has its focus on language and society, and for years the sociolinguistic researches were carried out by the dialectology and geolinguistic due the context of immigration languages present in southern Brazil. Sociolinguists still have a lot of work with Brazilian immigration languages that constitute extensive areas of linguistic contacts. In addition, border areas also embrace extensive language contact and the formation of different varieties of Portuguese. In brief, all these linguistic contexts (varieties of Portuguese, Brazilian immigration and border languages in contact) deserve special attention from researchers in order to contribute in solving the educational and social problems.

KEYWORDS: Sociolinguistics. Linguistic Variation. Languages in contact.

¹ Agradeço à professora Dr^a. Elisa Battisti (PPG-Letras/UFRGS) pela sugestão da temática e pelas valiosas contribuições durante sua disciplina ministrada em 2016/1.

² Mestranda em Sociolinguística no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduada em Licenciatura, Português-Alemão (2014) na mesma universidade. Bolsista CAPES.



1 Considerações iniciais

Há dez anos Zilles e Faraco (2006) publicaram o artigo intitulado “*As tarefas da sociolinguística no Brasil: balanço e perspectivas*”. Este balanço foi realizado com base em outros dois trabalhos: “*Tarefas da linguística no Brasil*” de Aryon D. Rodrigues, publicado em 1966 e “*Tarefas da sociolinguística no Brasil*” de Paulino Vandresen, publicado em 1973. Estes trabalhos dialogam sobre a situação das pesquisas linguísticas e sociolinguísticas em território brasileiro, citando possíveis avanços e possibilidades para preencher lacunas ou para melhorar a visibilidade e a importância destes trabalhos no meio político-social e não apenas no meio acadêmico.

A linguística foi oficialmente introduzida no Currículo Mínimo de Letras em 1962 e a sociolinguística foi se consolidando até 1973, mas continuava sendo implementada como disciplina em diferentes Programas de Pós-graduação do Brasil, segundo Zilles e Faraco (2006). A sociolinguística brasileira continua progredindo desde então e conseguindo atingir novos espaços. Vale citar aqui, a implementação da linha de pesquisa em sociolinguística no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 2015, o que representa um avanço importante na medida em que contribui para a formação de novos sociolinguistas e, com isso, novas pesquisas e o aprimoramento de técnicas e de métodos.

A sociolinguística continua sendo uma ciência interdisciplinar. Ela estuda a relação existente entre língua e sociedade no âmbito das comunidades de fala e, muitas vezes, suas pesquisas ficaram a cargo da dialetologia e geolinguística devido o contexto das línguas de imigração presentes no sul do Brasil e, conseqüentemente, dos contatos linguísticos. E esta interdisciplinaridade continua sendo fomentada com o modelo teórico-metodológico da dialetologia pluridimensional e contatual (THUN, 2009). O modelo tenta unir a dialetologia e geolinguística com a sociolinguística para contribuir e entender melhor a complexidade dos contatos linguísticos e da variação linguística, como podemos verificar nas palavras de Altenhofen e Thun (2016):

O princípio da pluridimensionalidade, que fundamenta o modelo, engloba um conjunto de dimensões que, em nosso projeto atual do Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch (ALMA-H) pode ser resumido no quadro a seguir³, onde cada dimensão pressupõe uma relação opositiva, na maioria dos casos binária, entre parâmetros definitórios, como geração dos velhos (GII) e dos jovens (GI). (ALTENHOFEN & THUN, 2016, p. 05).

Para compreender melhor a variação linguística em contextos de imigração se tornou necessário avaliar cada fator extralinguístico, o que nada mais é do que as dimensões retratadas na dialetologia pluridimensional. Neste sentido, por origem geográfica se compreende dimensão diatópica, o status socioeconômico e o grau de escolarização à dimensão diastrática, a idade à dimensão diageracional, o sexo à dimensão diassexual e assim por diante, conforme segue o quadro em anexo. Na seção quatro focaremos mais em trabalhos que seguiram este modelo teórico-metodológico.

Tendo em vista uma retrospectiva de estudos em sociolinguística, o objetivo deste trabalho foca na atualização do histórico de trabalhos que vêm sendo realizados na área da sociolinguística brasileira, focando mais em aspectos que foram vistos por Zilles e Faraco (2006) como urgentes, conforme a seção dois e três deste trabalho. Inseriu-se na lista de prioridades o ensino das variedades do português, as atitudes dos falantes para entender melhor o contexto sociolinguístico brasileiro e a variação linguística, conforme alguns fatores extralinguísticos. Há dez anos Zilles e Faraco (2006) já conseguiram pontuar alguns dos temas mais importantes para a época, chamando atenção para os estudos de “redes de comunicação” (BORTONI-RICARDO, 2011 [1985]) e de “práticas sociais” (ECKERT, 2012) combinando a metodologia quantitativa com a qualitativa.

Com isso, este estudo se concentra em uma breve retrospectiva do que foi apresentado no texto de Zilles e Faraco (2006), trazendo também outros estudos que surgiram recentemente como, por exemplo, os estudos de Altenhofen e Thun (2016) para verificar qual o atual rumo da sociolinguística no Brasil. Desse modo, ainda podemos analisar quais seriam as tarefas da sociolinguística hoje e se há formas de

³ Conferir quadro em anexo.



implementar as pesquisas em ações concretas que beneficiassem as comunidades linguísticas.

2 O texto de Zilles e Faraco (2006): principais tarefas

Conforme Zilles e Faraco (2006, p. 25) houve um intenso envolvimento dos linguistas com os problemas do ensino de português que ainda hoje não trouxe os resultados esperados. O ensino ainda continua conservador e focado em regras gramaticais sem dar a devida atenção à prática da leitura. Os linguistas defendem a crescente divulgação científica e a necessidade de um envolvimento maior por parte da comunidade com as práticas acadêmicas (cf. ZILLES e FARACO, 2006). No entanto, parece faltar algo que exige muito mais por parte do Estado, principalmente, em relação a mais investimentos financeiros na área educacional e, conseqüentemente, na valorização profissional dos professores.

Os autores do texto reiteram que os linguistas brasileiros estão tentando participar do “enfrentamento” dos problemas de sua sociedade, ainda que não se perceba os resultados na área educacional. Os autores pressupõem que talvez tenha faltado algo, principalmente o ato de compartilhar a problemática entre outras áreas. A interdisciplinaridade pode ser um passo importante para escancarar os problemas linguísticos do Brasil e, com isso, unir forças para reivindicar os direitos básicos ao ensino de qualidade para todas as classes sociais, independente da região geográfica ou da etnia. Além disso, necessitamos de mais diálogos com os representantes que estão “acima” dos educadores e pesquisadores porque os problemas educacionais nada mais são do que problemas políticos que atingem a sociedade da pior forma.

Muitos dos problemas educacionais remetem a época da Campanha de Nacionalização implementada por Getúlio Vargas no Estado Novo (1937-1945), onde era obrigatório o ensino do português em todas as escolas, principalmente a leitura e a escrita. No entanto, os políticos da época tentavam transmitir a ideia da única língua portuguesa no Brasil, fechando os olhos para os contatos linguísticos que se espalhavam pelas regiões de fronteira e pelas áreas colonizadas por imigrantes. No discurso de



Getúlio Vargas em Santa Catarina foi proferida a frase “o Brasil não é inglês nem alemão, é brasileiro” (VARGAS, 1940, p. 198) em defesa dos interesses nacionalistas. Embora ele defenda, em outro discurso, o intercâmbio econômico com a Europa e América do Norte, como podemos conferir abaixo.

No momento em que a guerra europeia perturba inteiramente mercados com os quais não podemos contar, é lógico e natural que nos voltemos para os países do Continente americano, a fim de incrementarmos com eles o nosso intercâmbio. (VARGAS, 1940, p. 341)

Esta passagem que acabamos de ler é totalmente contraditória ao discurso de um país nacionalista que somente fala português. Para que serviria um país nacionalista que deveria falar apenas português, se tem seus interesses econômicos voltados para países onde se fala alemão ou inglês? Uma resposta bem provável para este questionamento deve estar nos atuais problemas sociais e linguísticos do Brasil, onde, também, ainda matamos índios em troca de terras e não sabemos valorizar a língua do outro.

Até mesmo as atitudes linguísticas dos falantes possuem suas raízes neste período político e histórico. Com isso, não foi apenas a língua portuguesa que sofreu o impacto de forma negativa, porque ainda não se tinha a preocupação com a variação da língua. Todas as outras línguas faladas no Brasil, principalmente, as línguas de imigração, com seus falantes sofreram severas punições (cf. MÜLLER DE OLIVEIRA, 2009) por um longo período. Em função deste acontecimento, e ainda, de possíveis outros, se têm focado na gramática, deixando de lado a língua falada nas diferentes camadas sociais e nas diferentes regiões brasileiras.

Em seguida, Zilles e Faraco (2006, p. 27) apontam para a necessidade da ampliação dos estudos sobre as atitudes linguísticas dos falantes para o entendimento da norma culta. Estas crenças e atitudes possuem uma relação direta à repressão linguística vivenciada no passado e as diferenças sociais da atualidade, onde o prestígio parece acentuar ainda mais o preconceito em relação a tudo que não possui *status*.



Silva e Aguilera (2014) estudaram as crenças e atitudes linguísticas sobre os falares de duas cidades do Paraná que se diferenciavam por fenômenos fonéticos de realização da vogal anterior átona final /e/ e suas variantes [i] e [e] (como, por exemplo, em ponte [‘põtsi] ou [‘põte]), identificadas como características dialetais. Nesta pesquisa, as autoras confirmaram a hipótese de que “as pessoas costumam rotular um falante, de forma positiva ou negativa, a partir da variante linguística própria de seu grupo” (2014, p. 718). Com isso, podem surgir problemas sociais em função da valorização da língua diretamente relacionada à aceitação do usuário da língua, ou seja, se não há uma aceitação pelo grupo de falantes, então a língua utilizada por eles também não é aceitável e surgem as atitudes negativas.

Os poucos estudos neste segmento que se tinha há dez anos, talvez tenham seus reflexos na falta de um modelo teórico-metodológico adequado que fosse prático e acessível aos pesquisadores brasileiros em contextos bilíngues e multilíngues. Neste sentido, Kaufmann (2011, p. 121) faz um levantamento importante acerca dos problemas que envolvem as atitudes. O primeiro problema envolve aspectos teóricos, o segundo, a relação entre atitude e comportamento e, por fim, problemas práticos no levantamento e medição das atitudes.

O mesmo autor também cita a Tese “Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros” de Denise Porto Cardoso (atualmente publicada em livro) que trata da avaliação social da língua e pondera as atitudes linguísticas (CARDOSO, 2015). No prefácio deste livro temos o título “Atitudes e identidade linguística: muito chão pela frente”, o que já mostra o quanto ainda precisamos avançar neste tópico. Conforme Freitag (2015, p. 6) ainda não há estudos “focados no contraste das variedades que investiguem em que nível da gramática [...] está baseado nosso julgamento de valor linguístico, que fomenta nossas atitudes”. Neste sentido, Freitag (2015, p. 5) prevê a necessidade de “políticas linguísticas educacionais em diferentes contextos” para conhecermos a real circulação das variedades do português no Brasil.

Apesar do livro didático e do acesso à internet, o professor ainda enfrenta dificuldades em encontrar materiais adequados para adaptar e inserir nas aulas de língua



portuguesa. E no sentido das pesquisas terem uma função social, se deveria construir uma plataforma de ensino da variação do português brasileiro nos moldes da plataforma do letramento⁴ que já está disponível na internet. Nesta plataforma, Faraco afirma que “apesar da diversidade do português brasileiro, ainda não se reconhece a cara linguística do Brasil”. Acredito que esta seria uma tarefa urgente para a sociolinguística: formar uma plataforma onde um simples clique pudesse abrir informações sobre as mais variadas pesquisas realizadas em relação às variedades do português. Assim, tanto os professores e alunos poderiam, por meio de mapas interativos, vídeos e hiperlinks, aprender um pouco mais sobre a variedade linguística presente no Brasil.

3 Desdobramentos das tarefas da sociolinguística

Nos desdobramentos, Zilles e Faraco (2006, p. 45) apontam quatro temas fundamentais para os estudos da sociolinguística, conforme segue: *a)* a urgência de enfrentar a dinâmica social das mudanças em curso no português brasileiro; *b)* a relevância de trabalhar com fontes complementares para qualificar as análises da língua falada; *c)* enfrentar a questão da estratificação social no Brasil, indo além da categoria escolaridade; *d)* combinar estudos quantitativos e qualitativos. Estes devem ser complementados, na medida do possível, com outras leituras realizadas após 2006, como podemos acompanhar na sequência.

Seguiremos o panorama retrospectivo das pesquisas sociolinguísticas agrupadas em três ondas, conforme Eckert (2012), para refletir sobre os desdobramentos acima elencados. Os estudos de primeira onda visam à coleta de dados em comunidades de fala estratificadas conforme suas características demográficas, considerando maior ou menor acesso à escolaridade. Também se estabeleceu relações com as variáveis linguísticas e as categorias sociológicas, como sexo, idade, classe social e etnia. Exemplos relacionados aos estudos de primeira onda, por exemplo, são produzidos no

⁴ Disponível em: <http://www.plataformadoletramento.org.br/acervo-especial/726/navegar-pela-diversidade-da-nossa-lingua-e-preciso.html>. Acesso em 17/09/2016.



Projeto ALMA-H⁵ (*Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch*, coordenado por Cléo Altenhofen, UFRGS – Brasil, e Harald Thun, Univ. Kiel – Alemanha).

Na segunda onda (ECKERT, 2012) é estabelecida uma conexão com a primeira onda, mas que tem seu foco em comunidades menores e objetiva identificar, através de estudos etnográficos, categorias sociais salientes na comunidade pesquisada. Neste sentido, a segunda onda mostra que o vernáculo possui um significado local. Eckert (2012) partiu de estudos etnográficos da segunda onda e de estudos de levantamento da primeira onda para chegar ao significado social das variáveis localizadas em comunidades de prática da terceira onda.

Com isso, na terceira onda, Eckert (2012) propõe estudar o papel da variação na prática estilística. Assim, a autora vê o estilo como fator principal e diretamente associado às categorias identitárias que formam a persona. Os estudos continuam quantitativos e seguem a metodologia das ondas anteriores. Exemplos de estudos de terceira onda envolvem práticas estilísticas, atitudes e crenças linguísticas, significado social e identidade, além do estudo de redes sociais. No entanto, os estudos desta natureza possuem seu foco nas comunidades de práticas que envolvem um grupo de indivíduos engajados em práticas sociais que possuem um propósito, podendo representar, por exemplo, um grupo familiar, esportivo ou um agrupamento de pessoas de determinada classe linguística.

Um estudo sociolinguístico inovador para a época e, que vai para além da primeira onda, por exemplo, foi realizado em Brazlândia, cidade satélite de Brasília, pela autora Bortoni-Ricardo (2011 [1985]). Foram analisadas quatro variáveis fonológicas da fala de migrantes rurais que se instalaram naquele centro urbano em crescimento. Para a autora “há padrões de correlações passíveis de aferição estatística entre características das redes sociais e comportamento linguístico individual” (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 100). Desta forma, a pesquisa se torna bem mais ampla e intensa, pois também avalia as redes sociais do informante e as características

⁵ Disponível em: <http://www.ufrgs.br/projalma/>. Acesso em 25/09/2016.



da fala de cada indivíduo e não apenas a língua e a sociedade como um todo. Por isso, a meu ver, os estudos que também envolvem as redes sociais são mais detalhistas, pois tentam “minimizar o ajuste da fala a fim de expressar valores, atitudes e intenções” (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 106).

Estudos desta natureza continuam com amplas pesquisas e produções acadêmicas. Um exemplo de investigação de redes e de práticas sociais nos estudos da variação linguística é realizado por Battisti (2014). A autora realizou um levantamento na antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul, onde foi realizado o trabalho sobre a palatalização variável de /t/ e /d/ (tia [tʃia] e dia [dʒia]) no português do sul do Brasil, entre outros estudos também orientados pela mesma autora.

No Brasil, os sociolinguistas possuem complexos processos linguísticos para analisar devido à mobilidade geográfica e social dos falantes. Nos centros urbanos existe uma difusão dialetal que migrou do campo para a cidade, na época do êxodo rural, por exemplo, mas que ocorre ainda hoje, embora com menos intensidade. É neste contexto que os diferentes tipos de redes de interação se formam e exigem mais cuidado por parte dos pesquisadores já que não podemos nos apoiar apenas na estratificação social que foi sugerida pelos linguistas norte-americanos.

Chambers (2002) descreve vários fatores que contribuem para a mudança linguística ocorrer em determinada comunidade de fala. Entende-se aqui, por comunidade de fala, um grupo de pessoas que compartilham traços linguísticos e que também se distinguem de outros grupos, mas que compartilham atitudes parecidas em relação à língua (cf. LABOV, 2008).

A categoria classe social recebeu mais atenção nos primeiros estudos variacionistas. Segundo Chambers (2002) as classes mais altas utilizam determinadas variantes de forma menos frequente se comparado às classes mais baixas. Esta variação ocorre principalmente com variáveis fonológicas, assim como a pesquisa de Labov (LABOV, 2008) também já comprovou no estudo realizado em diferentes lojas de Nova Iorque.



Em um primeiro momento, Labov (2008, p. 64) considera que a estratificação social é o produto da diferenciação social e da avaliação social. Para desenvolver suas pesquisas, o autor selecionou um caso de estratificação dentro de um grupo ocupacional, os quais eram vendedores em lojas de departamentos.

Ao perceber que há desafios a serem vencidos em relação à classe social, Battisti e Lucas (2015) realizam uma revisão em trabalhos sociolinguísticos da América do Sul. Os autores acreditam que possam surgir mais pesquisas sociolinguísticas que consideram a classe social em função do complexo contexto em que o Brasil se insere. Neste âmbito, podemos citar os contatos linguísticos, o surgimento de novas variedades, a morte de variedades nativas, as desigualdades sociais, entre outras características que exigem mais pesquisas para analisar a variação e mudança linguística. No entanto, os autores também entendem que não se deve “estender as generalizações labovianas aos cenários locais” (BATTISTI e LUCAS, 2015, p. 154). Outra crítica destacada pelos autores é sobre o cruzamento de gênero com classe social para explicar o comportamento linguístico de homens e de mulheres. Apesar das dificuldades de monitorar os elementos que englobam a classe social, devemos levar esta variável em consideração.

Em uma rápida comparação entre os estudos labovianos e os estudos sociolinguísticos produzidos no Brasil se percebe que os métodos de pesquisa devem ser adaptados ao local e a condição linguística encontrada em cada comunidade em estudo. Os estudos futuros devem atentar para os desafios que o campo da sociolinguística lança, principalmente em locais que possuem constantes mudanças sociais e linguísticas.

Para Meyerhoff (2011) a classe social é uma medida para organizar e agrupar a comunidade de fala em grupos menores, muitas vezes, por ocupação, renda e riqueza, ou ainda, em suas aspirações, estilo de vida e oportunidades. No entanto, a autora se questiona sobre o papel da ocupação quando serve como principal base para selecionar indivíduos em determinada classe socioeconômica. No Brasil, para muitos pesquisadores ainda parece ser mais confiável se basear no nível escolar para se chegar



à classe social. Embora a classe trabalhadora do meio rural brasileiro que, muitas vezes, não possui mais de oito anos de escolaridade, pode atingir uma renda boa e, com isso, um estilo de vida bem diferente comparado aos grupos sociais do meio urbano com pouca escolarização também.

Outro fator que contribui com a variação é o sexo/gênero. Chambers (2002, p. 352) traz em seu texto que “a língua é um meio importante pelo qual as mulheres afirmam sua autoridade e sua posição”. A hipótese para esta constatação pode estar ligada à ocupação profissional do homem em comparação à mulher. Porém, cada comunidade de fala terá diferentes extratos sociais e, com isso, também podem ter outras explicações para as variações linguísticas. Neste caso, outros fatores extralinguísticos devem ser analisados lado a lado para verificar possíveis influências, como, por exemplo, o tempo de escolarização ou o acesso à cultura e a mobilidade social.

A variável sexo/gênero é bastante discutida em estudos sociolinguísticos devido os seus diferentes usos e suas definições ainda não muito esclarecidas. Freitag (2015) prefere falar em gênero do que em sexo devido os traços sociais, explicando que “assim como a idade, sexo é uma categoria biológica que baliza normas, papéis sociais e expectativas em todas as sociedades” (2015, p. 30-31). A autora fala de desafios quando se refere à codificação da variável sexo na busca do entendimento do papel do gênero em função da comparabilidade de dados linguísticos. Percebemos que é necessário ter uma padronização de métodos para ampliar a real utilidade dos estudos realizados nas mais variadas regiões do Brasil.

Por fim, um fator relevante para a variação linguística é a idade (faixa etária). A comparação de variantes entre jovens e velhos pode apontar para uma mudança em progresso. Os estudos com diferentes faixas etárias também são utilizados nas pesquisas em tempo aparente, o qual constitui em um significativo levantamento de dados em determinado período. No entanto, assim como a variável sexo/gênero, a variável faixa etária também precisa ser observada com atenção, porque, segundo Freitag (2005) há outros aspectos sociais por trás dos resultados desta variável. Estes aspectos sociais

seriam, principalmente, a rede de relações sociais, a escolarização e a profissão. Com tudo isso, podemos afirmar novamente que os estudos de redes sociais, que conseguem ter um controle individual de cada informante, possuem um papel fundamental para clarear muitas dúvidas que aparentemente não tinham uma explicação coerente. O cuidado ao interpretar os resultados é importante para evitar falsas análises dos processos de variação e de mudança linguística.

4 Os avanços da Dialetologia Pluridimensional e Contatual

Conforme já foi visto na seção ‘desdobramentos da sociolinguística’, onde foram apresentadas as quatro tarefas mais urgentes da área, precisamos atualizar também as técnicas de pesquisa e o escopo teórico-metodológico. E é nesta perspectiva que a Dialetologia Pluridimensional está cada vez mais confiante, o que se percebe em vários estudos sociolinguísticos como, por exemplo, a macroanálise sociolinguística realizada em quatro comunidades vestfalianas (HORST, 2014). Neste estudo a autora adapta o modelo teórico-metodológico conforme as necessidades encontradas em campo e analisa a dimensão diatópica (com informantes em domicílio fixo na localidade), a dimensão diastrática (estrato social definido conforme os anos de estudos de cada informante), a dimensão diageracional (jovens e velhos) e a dimensão diarreferencial (fala objetiva e metalinguística).

Outro estudo de grande importância envolvendo macroanálises sociolinguísticas foi apresentado por Figueiredo (2014). A autora pesquisou a variedade do português gaúcho em três comunidades de formação recente no norte do Mato Grosso, onde esta variedade entrou em contato com outras variedades regionais da língua portuguesa. Este contato entre variedades do português brasileiro foi definido como contato intervareietal (FIGUEIREDO, 2014). Segundo a autora, o estudo realizado pode contribuir futuramente para implementar projetos voltados ao multilinguismo da região, ampliando as opções de ensino de línguas, fomentando e salvaguardando também as línguas minoritárias (indígenas, afro-brasileiras e de imigração) presentes na região (FIGUEIREDO, 2014, p. 20).



A pesquisa de Figueiredo (2014, p. 146), em uma de suas conclusões, afirma que deste contato entre variedades “se negocia variantes mais prestigiosas ou mais neutras para a interação entre os diferentes grupos regionais”. No entanto, o resultado pode ser diferente quando envolve variedades de línguas de imigração com uma variedade mais dialetal e outra mais standard, como é o caso do estudo de Horst (2014). Neste estudo, Horst (2014) conclui que apenas uma das variedades é escolhida para a comunicação comum, podendo ser a variedade de fala do grupo maior ou uma nova variedade que se forma com elementos comuns e compreensíveis a todos os falantes (HORST, 2014, p. 50).

Ainda vale destacar a pesquisa de Souza (2016) realizada no norte do Uruguai, a qual buscou analisar o contato linguístico entre o espanhol e o português. Utilizando a análise pluridimensional e contatual (THUN, 2009), o autor destacou as percepções dos falantes e a relação destas percepções com as políticas linguísticas vigentes. Como uma conclusão inicial, Souza (2016, p. 156) destaca que “o bilinguismo na fronteira uruguaia é um fenômeno estendido, que abrange praticamente toda a região e que é percebido como um fato natural entre a comunidade”. Por fim, o autor ainda destaca a relevância da metodologia de pesquisa adotada, a qual permitiu identificar as fronteiras internas do português no Uruguai (SOUZA, 2016, p. 157). Como percebemos nos estudos acima mencionados, cada qual com um foco específico, um bom modelo teórico-metodológico não possui fronteiras e permite ser adaptado as situações mais específicas e complexas possíveis.

Conclusão

Falar de todas as tarefas da sociolinguística brasileira parece ser impossível, devido seu constante crescimento e expansão. Por isso, fecharemos a conclusão com as principais medidas a serem tomadas para melhorar o ensino das variedades de língua portuguesa e a convivência mais pacífica e respeitosa com as variedades linguísticas. Parece que falta trabalhar melhor as atitudes e crenças dos usuários da língua. Tem-se uma aceitação importante do que é diferente quando questionamos as diferenças e



mostramos com exemplos que uma visão mais plural também é possível em sala de aula e na sociedade. Um exemplo de trabalho em sala de aula com variedades linguísticas e a comparação entre elas envolveu o trabalho da tese de Broch (2014). A autora mostra que é possível aprender outras línguas com mais eficácia se tivermos uma consciência linguística aberta para outras variedades.

Quando Freitag (2015) coloca no prefácio que se deveria ter uma estratificação das variedades do português brasileiro em “portugueses regionais”, penso que os professores de língua portuguesa deveriam ter acesso a uma ferramenta *online*. Assim como já exposto na parte inicial deste trabalho, uma plataforma de ensino ou uma espécie de atlas linguístico do português brasileiro para trabalhar em sala de aula os vários falares pelo método comparativo. Comparar variedades do português de Portugal com o português do Brasil por meio de músicas também já seria um avanço em sala de aula. Porém, um passo a mais na divulgação das variedades do português brasileiro seria muito importante para formar jovens mais conscientes linguisticamente e mais abertos para aprender outras línguas.

Nesta retrospectiva se percebe que tivemos importantes avanços na sociolinguística brasileira, como as discussões sobre classe social (BATTISTI e LUCAS; 2015), gênero / sexo (FREITAG, 2015) e idade / faixa etária (FREITAG, 2005). São estudos recentes e que ainda podem contribuir muito para o avanço das pesquisas sociolinguísticas no Brasil. Mas, a meu ver, os sociolinguistas ainda possuem muito trabalho com as línguas brasileiras de imigração que formam áreas extensas de contatos linguísticos, sem esquecer as áreas fronteiriças que também envolvem amplo contato linguístico e, conseqüentemente, a formação de diferentes variedades do português envolvido nestes contextos. Talvez esta seja uma das tarefas mais urgentes que devemos levar em conta na hora de desenvolver materiais didáticos para a disciplina de língua portuguesa e, até mesmo, em pesquisas futuras.



Referências

ALTENHOFEN, Cléo V.; THUN, Harald. As migrações e os contatos linguísticos na geografia linguística do sul do Brasil e Bacia do Prata. In: AGUILERA, Vanderci & ROMANO, Valter (eds.). **A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: Ed. UEL, 2016.

BATTISTI, Elisa. Redes sociais, identidade e variação linguística. In: Raquel Meister Ko. Freitag (Organizadora). **Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, p.79-98, 2014. Disponível em: <https://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/openaccess/metodologia-sociolinguistica/008.pdf>. Acesso em 02/10/2016.

BATTISTI, Elisa; LUCAS, Joao Ignácio. Class in the social labyrinth of South America. In: SMAKMAN, Dick; HEINRICH, Patrick (Eds.). **Globalising sociolinguistics: Challenging and expanding theory**. London / New York: Routledge, 2015, p. 153-163.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais**. São Paulo: Parábola, 2011. [1985].

BROCH, Ingrid Kuchenbecker. **Ações de promoção da pluralidade linguística em contextos escolares**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014. 268 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/102190>. Acesso em 12/10/2016.

CARDOSO, Denise Porto. **Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros**. Com prefácio de Raquel Meister Ko. Freitag. Editora São Paulo: Blucher, 2015. Disponível em: <http://openaccess.blucher.com.br/article-list/atitudes-linguisticas-281/list#articles>. Acesso em 17/10/2016.

CHAMBERS, J. K. Patterns of Variation including change. In CHAMBERS, J. K. et alii (orgs). **The handbook of language variation and change**. Malden, MA and Oxford: Blackwell Publishers, 2002, p. 351-370

ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**, v.41, 2012, p.87-100.

FIGUEIREDO, Carla Regina de Souza. **Topodinâmica da variação do português gaúcho em áreas de contato intervarietal no Mato Grosso**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/114436>. Acesso em 15/10/2016.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Idade: uma variável sociolinguística complexa. In: **Línguas & Letras**, v. 6, p. 105-121, 2005. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/viewFile/875/740>. Acesso em 02/10/2016.



FREITAG, Raquel Meister Ko. "Prefácio: Atitudes e Identidade Linguística: muito chão pela frente", p. 3-8. In: **Atitudes Linguísticas e Avaliações Subjetivas de Alguns Dialetos Brasileiros**. São Paulo: Blucher, 2015.

FREITAG, Raquel Meister Ko. (Re)discutindo sexo/gênero na sociolinguística. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (orgs.). **Mulheres, Linguagem e Poder** - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira. São Paulo: Blucher, 2015.p.17-73.

HORST, Aline. **Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/102193>. Acesso em 08/10/2016.

KAUFMANN, Götz. Atitudes na sociolinguística: aspectos teóricos e metodológicos. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 121-137.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Parábola, São Paulo, [1972] 2008.

MEYERHOFF, Miriam. **Introducing sociolinguistics**. 2.ed. London/New York: Routledge, 2011.

MÜLLER DE OLIVEIRA, Gilvan. Plurilinguismo no Brasil: repressão e resistência linguística. In: **Synergies Brésil**, nº 7, 2009, p. 19-26. Disponível em: <http://gerflint.fr/Base/Bresil7/gilvan.pdf>. Acesso em 15/10/2016.

SILVA, Hélen Cristina da; AGUILERA, Vanderci de Andrade. O poder de uma diferença: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas. **Alfa**, São Paulo, 58 (3): 703-723, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v58n3/1981-5794-alfa-58-03-00703.pdf>. Acesso em 16/10/2016.

SOUZA, Henry D. Lorencena. **As fronteiras internas do "português del Norte del Uruguay": entre a percepção dos falantes e as políticas linguísticas**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/142915>. Acesso em 15/10/2016.

THUN, Harald. A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **Para a história do português brasileiro**: volume VII: vozes, veredas, voragens. Londrina: EDUEL, 2009. Tomo II, p. 531-558.

VARGAS, Getúlio. 1940. **A Nova Política do Brasil** (vol. VII). Rio de Janeiro: José Olympio. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br>. Acesso em 05/10/2016.

ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto. As tarefas da sociolinguística no Brasil: balanços e perspectivas. In: GORSKI, E. & COELHO, I. L. (orgs.). **Sociolinguística e ensino – contribuições para a formação do professor de língua**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006. p. 23-52.

ANEXO:

Dimensão	Parâmetro	Critério
diatópica	topostático (informantes em um domicílio fixo)	41 pontos de inquérito
diatópica-cinética	topodinâmico (mudança de domicílio – mobilidade espacial)	Em grande parte, relação entre colônias velhas (matriz de partida) e colônias novas (matriz de chegada)
diatrática	Ca = classe (socioculturalmente) alta Cb = classe (socioculturalmente) baixa	Ca (com formação universitária parcial ou completa) Cb (até ensino médio + profissão que não exija o uso da escrita)
diageracional	GII (geração velha) GI (geração jovem)	= acima de 55 anos = 18 a 36 anos
diassexual	Ho = homens Mu = mulheres	
dialingual	hrs = hunsriqueano (Hunsrückisch) hdt = alemão-padrão (Hochdeutsch) pt = português sp = espanhol	Esta dimensão é complementada com dados dos atlas linguísticos do português (ALERS e ALiB), para o português
diafásica	Resp = respostas ao questionário Leit = leitura Tx = conversa livre (etnotextos)	Três estilos de uso da língua.
diarreferencial	Lg = fala "objetiva" MLg = fala metalinguística	Esta dimensão é estimulada pela <i>técnica de entrevista em três tempos</i> : perguntar (resposta espontânea) – insistir – sugerir
diarreligiosa	Cat = católico Lut = evangélico-luterano	Tipo de localidade conforme as confissões religiosas presentes
diamésica	Escr = língua em meio escrito vs. Fal = meio falado	coleta de dados em áudio e vídeo (oralidade) e em meio escrito (p.ex. impressos, cartas de imigrantes, inscrições [p.ex. em estabelecimentos comerciais, placas, topônimos, sepulturas])

Fonte: ALTENHOFEN & THUN, 2016, p. 06.

Recebido Para Publicação em 27 de outubro de 2016.

Aprovado Para Publicação em 28 de abril de 2017.